

ANÁLISE DA RECEPÇÃO DOS FÃS DE STAR WARS SOBRE O FILME HAN SOLO

Daniel Arias ZIERHUT, Mestrando (UFPR)¹
Valquíria Michela JOHN, Doutora (UFPR)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a recepção da crítica especializada e dos fãs sobre o filme Han Solo, buscando semelhanças e diferenças para perceber o quanto da extensa narrativa transmídia construída por Star Wars influencia na recepção de novos conteúdos. Para atingir o objetivo foi aplicado um questionário em grupos de fãs no facebook e comparado os resultados com as críticas dos principais portais sobre cinema. Este trabalho é exploratório inicial e faz parte de um estudo mais amplo sobre a recepção dos fãs aos novos produtos cinematográficos da franquia após a aquisição da marca pela Disney.

Palavras-chave: Cultura da Convergência; Narrativa Transmídia; Star Wars; Recepção; Fãs.

Abstract: This research aims to analyze specialized critics and fans' reception about the movie Han Solo, looking for similarities and differences to acknowledge how much the extensive transmedia storytelling built by Star Wars influences the reception of new content. In order to achieve the main purpose of this research, it was applied a questionnaire to fan groups on Facebook and the results were compared with reviews from main movies websites. This research is exploratory and it is part of a larger study on fans' reception to new movie products of this franchise after the brand's acquisition by Disney.

Keywords: Convergence Culture; Transmedia Storytelling; Star Wars; Reception; Fans.

INTRODUÇÃO

Pessimistas apontavam para o fim das velhas mídias e o reinado das novas, a internet substituiria a TV, o rádio, o cinema. Mas o que se vê na prática é uma retroalimentação e uma reconfiguração dessas mídias nas novas narrativas.

Em seu livro *Cultura da Convergência* Henry Jenkins (2009) indica que a sociedade tem se reconfigurado no que o autor chama de Cultura da Convergência, para o autor a sociedade está passando por um processo complexo de redefinição de suas relações com a mídia e com outras pessoas por isso ele classifica esse momento como uma nova cultura. Explicando melhor o seu conceito aponta que essa cultura é formada por três pilares: a convergência tecnológica dos meios, afinal cada vez mais as tecnologias têm se fundido; a inteligência coletiva, onde as pessoas compartilham conhecimento entre si afim de criar um conhecimento maior e melhor e; e a cultura

¹ Mestrando em Comunicação na Universidade Federal do Paraná. Possui graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO-PR. Integrante do grupo de pesquisa NEFICS. Email: danielzierhut@hotmail.com

² Professora do PPGCOM e do DECOM da UFPR. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí e mestrado em Educação pela UFSC. Integrante dos grupos NEFICS e Obitel. Email: vmichela@gmail.com

participativa, porque as pessoas aprenderam a interagir com as mídias. É nesse contexto que se concretiza uma nova narrativa, a transmídia

A narrativa transmídia tem a capacidade de contar uma história desenvolvendo ela em diferentes plataformas, ampliando assim seu alcance, não é apenas a reprodução de uma mesma história em outras plataformas, é continua-la a fim de expandir o próprio universo dela, contando mais detalhes sobre os locais e personagens. No contexto desse tipo de narrativa o espectador assume um papel importante, por isso Jenkins busca mudar a visão que se tem sobre os fãs, ele o coloca como aquele que sabe muito sobre aquele assunto e se interessa em saber mais. O fã assume um papel importante porque será o responsável por coletar as informações que são dispersas pelas plataformas, ele as reúne e discute sobre elas em grupos que tem o mesmo interesse, criando teorias e novos caminhos para as histórias.

Star Wars é umas das maiores franquias da cultura pop, tanto em faturamento quanto em influência, a narrativa transmidiática da saga ajudou a construir um universo muito grande acessado por muitas pessoas. A marca atraiu a atenção da Disney que acabou adquirindo a franquia e retomando a mesma nos cinemas. Essa volta de Star Wars ao cinema e a nova configuração que a Disney deu a franquia provocou reações dos fãs, nem sempre positivas.

Essa reação dos fãs que chama a atenção dos pesquisadores para este trabalho, com intuito de compreender a recepção dos novos filmes pelos fãs buscou-se formas de chegar a eles e entender como se dá essa nova relação.

Para entender como se dá a recepção de uma narrativa transmídia com mais de 40 anos pelo público buscou-se algumas alternativas, o primeiro passo foi localizar grupos de fãs no facebook para iniciar uma observação dos mesmos, depois de uma análise prévia percebeu-se que uma análise dos comentários no grupo não responderia as questões latentes, com isso chegou-se a decisão de elaborar e aplicar um questionário nestes grupos de fãs com perguntas mais específicas. Para chegar ao questionário foi feita uma análise de conteúdo em cima das críticas de especialistas em cinema, destacando alguns pontos que deveriam estar presentes no questionário.

Após a coleta dos dados os mesmos foram tabulados e comparados, ou seja, comparou-se a opinião dos fãs e da crítica, que muitas vezes também é fã. O presente trabalho focou na recepção dos fãs a cerca do spin-off Han Solo – Uma história Star

Wars, o segundo derivado da franquia que foi produzido pela Disney. A análise revelou que o público que assistiu ao filme aprovou o mesmo em grande parte, porém com certa ressalva sobre a necessidade do filme. Uma parte importante do público que essa pesquisa não conseguiu alcançar foi aquela que não assistiu ao filme e quais seriam as suas motivações. A recepção sobre Han Solo permitiu entender que mesmo que uma narrativa transmídia já tenha sucesso ela precisa se preocupar com cada produto, adotar cuidados especiais e atribuir importância a produção.

CULTURA DA CONVERGÊNCIA, NARRATIVA TRANSMÍDIA E CULTURA DE FÃS

O avanço do digital sobre a sociedade vem provocando estudos em várias áreas, na comunicação há um movimento para nomear esse fenômeno cultural. Henry Jenkins é um dos autores que se preocupa em entender a relação da sociedade com produtores de conteúdo. O autor chama esse momento de cultura da convergência:

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2009, p. 325)

Essa cultura segundo Jenkins é composta por três pilares, sendo eles: convergência tecnológica dos meios, cultura participativa e inteligência coletiva. A convergência tecnológica é um processo que vem acontecendo há um tempo aproximando as plataformas, fundindo algumas e criando novas tecnologias. Estudos de Wilson Dizard Jr (2000) destacam a influência do desenvolvimento tecnológico no funcionamento das grandes corporações norte-americanas, muitas empresas de comunicação estão se fundindo com empresas de telecomunicações ou de entretenimento para assim, poder oferecer um conteúdo multimidiático sem precisar depender de uma outra empresa.

Já cultura participativa surge contradizendo a ideia de cultura de massa apresentada anteriormente nos estudos sobre comunicação. Jenkins, Ford e Green destacam esse modelo de cultura mais participativa, onde as pessoas agem mais ativamente no processo de produção: “moldando, compartilhando, reconfigurando e

remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes” (JENKINS, FORD, GREEN. 2014, p. 24). Surge então novas possibilidades para os conteúdos desenvolvidos.

Outro pilar da cultura da convergência é a inteligência coletiva de Pierre Lévy e esse autor que foi utilizado para os estudos de Jenkins e sua posterior ideia de comunidades de conhecimento. Para entender o conceito de inteligência coletiva de Lévy, pode-se começar esclarecendo o que significa, para o autor, a inteligência, que se trata de um: “conjunto canônico das aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar. Na medida em que possuem essas aptidões, os indivíduos humanos todos são inteligentes”. (LÉVY, 1996, p. 97)

Para esclarecer a ideia de Inteligência Coletiva, Pierre Lévy (2014) diz:

É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas e hipostasiadas. (LÉVY, 2014, p. 29)

Para os estudos de narrativa transmídia Jenkins destaca algumas características particulares que provem da inteligência coletiva, destacando um grupo específico de pessoas que são o interesse do seu estudo, os grupos de fãs. Por isso Henry Jenkins (2009a) ressalta:

A inteligência coletiva refere-se a essa capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos saber ou fazer sozinhos, agora podemos fazer coletivamente. E a organização de espectadores no que Lévy chama de comunidades de conhecimento permite-lhes exercer maior poder agregado em suas negociações com produtores de mídia. (JENKINS, 2009, p.56)

É nesse contexto de cultura da convergência que Jenkins posiciona seu principal conceito, pelo qual é mais conhecido, a narrativa transmídia. A principal característica da narrativa transmídia é não se conter em apenas um suporte para contar sua história, é expandir a sua narrativa por diferentes meios a fim de aproveitar o que cada um pode oferecer de melhor para a construção daquele universo fictício. Cria-se uma história que sempre pode oferecer mais ao seu público, seja expandindo o enredo, ou apresentando

melhor um personagem secundário, ou apresentando um novo ponto de vista a partir de um mesmo acontecimento.

A narrativa transmidiática refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmidiática é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, 2009a, p. 47).

Para entender a narrativa transmídia além do que é dito por Jenkins, pode-se recorrer a alguns outros autores que partiram do conceito dele, mas já defendem sua própria definição, como é o caso de Carlos Scolari, que após um longo levantamento sobre o tema em seu livro *Narrativas transmedia*, chega à seguinte definição: “um tipo de relato onde a história se distribui através de múltiplos meios e plataformas de comunicação, e em qual uma parte dos consumidores assume um papel ativo no processo de expansão.” (SCOLARI, 2013, p. 46, tradução nossa)

Como pode-se perceber nessas definições a narrativa transmídia depende de um planejamento muito bem executado para definir que parte da história cada plataforma pode desenvolver, levando em conta o público tradicional de cada uma e a capacidade de investimento financeiro. O autor Scolari (2011) apresenta a saga Star Wars como exemplo de narrativa transmídia.

A franquia Star Wars iniciou-se em 1977, fruto da mente de George Lucas, o diretor e roteirista tinha como desejo levar uma história para os cinemas totalmente sob seu controle, chegando a financiar o lançamento dos filmes para evitar a interferência de estúdios. A história de Luke, Leia e Han foi um sucesso e acabou saindo das mãos de seu criador e se transformando em uma das maiores franquias midiáticas da história, expandindo sua história em livros, HQ's, games, séries animadas e produções independentes de fãs. (TAYLOR, 2015). Essa expansão se encaixa na definição de narrativa transmídia, dada posteriormente por Henry Jenkins, Star Wars foi confirmada como narrativa transmídia nos estudos de Carlos Scolari (2011). A franquia resiste mesmo após 40 anos de seu lançamento, em 2012 a Walt Disney Company adquire os direitos sobre a franquia e retoma a narrativa nos cinemas.

Um dos grandes desafios das narrativas transmídia é conviver com as respostas imediatas dos fãs, que hoje ocupam a internet e se juntam em comunidades virtuais, rapidamente respondendo sobre o que está sendo produzido, essas comunidades podem criar ecos negativos ou positivos para o conteúdo das narrativas. Para entender melhor esses processos é necessário buscar as definições sobre fãs.

Henry Jenkins (2015) é um dos pesquisadores que mais defende o estudo sobre fãs, umas das preocupações do mesmo é a de retirar a imagem ruim que se tem quando ouve o termo. Segundo o autor:

Por mais que o termo “fã” tenha surgido originalmente proposto de forma levemente brincalhona e utilizado de forma geralmente simpática por jornalistas esportivos, ele nunca fugiu de suas primeiras conotações de zelo excessivo na religião e na política, de falsas crenças, excessos orgiásticos, possessão e insanidade, conotações que parecem estar no cerne das representações dos fãs que se vê no discurso contemporâneo. (JENKINS, 2015, p. 32)

No trabalho de reconstruir a imagem que se tem sobre fãs principalmente na pesquisa acadêmica, Henry Jenkins baseia-se no trabalho de Michel de Certeau sobre leitura ativa, sendo assim define:

Os fãs tornam-se um modelo do tipo de “invasão” textual que Certeau associa a leitura popular. Suas atividades propõem questões importantes a respeito da capacidade de produtores televisivos restringirem a criação e circulação de sentidos. Fãs constroem sua identidade cultural e social a partir do empréstimo e da modulação de imagens da cultura de massa, articulando interesses que costumam não ter voz na mídia dominante. (JENKINS, 2015, p.42)

Na edição do livro *Invasores do Texto: fãs e cultura participativa* de Henry Jenkins que foi lançado no Brasil, há um artigo introdutório da autora Raquel Recuero, ressaltando a importância do pesquisador para o tema cultura de fãs e também reforçando a influência desses grupos com a advento do digital. A autora ressalta que desde que o livro foi escrito a relação dos fãs com os produtores de conteúdo modificou bastante, e segundo ela: “os fãs passaram a ter um papel cada vez mais ativo, visível e complexo na cultura contemporânea”. (RECUERO, apud JENKINS, 2015) Por isso é importante estudar esses grupos para entender mais sobre a cultura da convergência.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo analisar a recepção dos fãs e da crítica especializada em cinema, especificamente como os mesmos receberam o filme Han Solo – Uma história Star Wars, o segundo spin-off da franquia lançado pela Disney e que tinha como protagonista um dos principais personagens da franquia.

Para se chegar a isso, a análise se dividiu em 3 momentos, primeiro analisou-se os textos da crítica especializada sobre o filme, para se ter uma base confiável as críticas foram selecionadas diretamente do site Adoro Cinema que compila os textos dos principais portais do país sobre o tema. Num segundo momento já de posse de algumas informações retiradas das críticas de especialistas foi elaborado um questionário online que foi disponibilizado em grupos de fãs de Star Wars no facebook, os grupos selecionados foram o Star Wars fãs e o Academia Jedi do Seu Darth, ambos com um número expressivo de participantes e que permitiram a entrada dos pesquisadores e a disponibilização do questionário, justificando assim a escolha dos mesmos. Optou-se pela aplicação do questionário pois uma análise prévia dos posts e comentários do grupo mostrou que não se extrairia as informações necessárias se fosse realizada somente uma observação participante e o tempo disponível para realização da pesquisa não permitiria a realização de uma netnografia. O último momento da pesquisa compara a resposta dos fãs com a resposta dos críticos, buscando semelhanças e diferenças nos pontos de vista.

Todos os dados coletados foram analisados seguindo o método de análise de conteúdo que se trata de:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Esse tipo de análise permite classificar a reação ao filme como positiva ou negativa, ainda permitiu que outros dados fossem destacados dos comentários por aparecerem repetidamente criando assim novas categorias de análise.

Para entender porque os pesquisadores baseiam essa pesquisa em grupos de fãs no facebook é importante retomar alguns conceitos sobre comunidades virtuais, já que a importância dos fãs já foi ressaltada nesse trabalho. Raquel Recuero traz a seguinte definição sobre comunidade virtual: "Comunidade Virtual" seria o termo utilizado para

os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC).” (RECUERO, 2001, p. 5)

Os primeiros estudos sobre comunidades virtuais são atribuídos a Rheingold (1996), esse autor para definir comunidades virtuais também destaca dois outros termos, internet e ciberespaço:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Internet, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimento humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (RHEINGOLD, 2016, sp)

As comunidades virtuais reforçam duas características importantes da cultura da convergência que já foram apresentadas. Esse tipo de comunidade é o espaço onde se constrói a inteligência coletiva, pois todos discutem a fim de desenvolverem seus conhecimentos, a partir dessas discussões essas comunidades podem ganhar força no espaço da cultura participativa, cobrando as corporações para que saciem seus desejos.

Após a observação pelos pesquisadores desses grupos (Star Wars fãs e Academia Jedi do Seu Darth) percebeu-se que seria uma boa opção disponibilizar o questionário nesses grupos porque já se limitava o público que queria atingir, fãs de Star Wars, evitando assim que outras respostas interferissem nos resultados.

A OPINIÃO DA CRÍTICA E A OPINIÃO DOS FÃS

Para análise das críticas dos especialistas sobre o filme foram selecionados 17 textos que estão compilados pelo site Adoro Cinema, todos os textos são de críticos brasileiros, os textos de sites internacionais não foram analisados.

Foram analisados os seguintes aspectos: as atuações dos atores Alden Ehrenreich como Han Solo, Woody Harrelson como Tobias Beckett, Emilia Clarke como Qi'Ra, Donald Glover como Lando Calrissian e Paul Bettany como Dryden Vos; além das participações dos personagens Chewbacca e L-337. Também foi analisado as opiniões sobre o roteiro, a direção e o elenco como um todo. Foram adicionadas posteriormente a pesquisa o fato de vários críticos apontarem como desafio fazer um filme sobre o personagem e também comentários sobre a produção conturbada do filme. Ainda buscou-se traços que indicassem se o crítico era fã da franquia ou não.

Com relação ao trabalho dos atores e da aparição dos 2 personagens não-humanos classificou-se como bom, médio, ruim ou se não foi citado na crítica. O ator

protagonista foi aceito pela maioria, embora muitos citem o fato de que a atuação original de Harrison Ford para o personagem seja impossível de ser emulada. Chewbacca o principal companheiro de Han Solo foi pouco citado nas críticas. Emília Clarke foi elogiada pela personagem embora muitos critiquem a atriz. Donald Glover apareceu como destaque do elenco, levando a algumas apostas sobre um filme protagonizado por ele. A personagem L-337 aparece como destaque do filme em 5 críticas graças ao seu humor afiado e militância.

O roteiro foi citado como bom por 7 críticas, médio por 7 e ruim por 2, uma crítica não cita o roteiro. A avaliação média do roteiro é boa, embora várias ressalvas sejam feitas. 4 críticas elogiam a direção, 5 classificam como mediana e 1 como ruim, o fato do filme ter trocado de direção durante as gravações foi bastante citado nesse quesito, o que acabou prejudicando o tom do filme. Quatro críticas ressaltam o elenco como um todo.

Das 17 críticas analisadas, 14 ressaltam que a Disney estava mexendo com um personagem bem complicado de se lidar, apontando assim um desafio para a empresa e que gerou grande discussão na comunidade de fãs sobre a real necessidade de um filme sobre o personagem. Em 9 textos aparecem menções a produção conturbada do filme que em um primeiro momento teria a direção de Phil Lord e Christopher Miller que tem a comédia como grande característica, mas no meio das filmagens do longa a dupla foi substituída por Ron Howard que tem um estilo mais sisudo de direção.

Focando em quem escreve as críticas nos portais analisados buscou-se identificar quais destes eram fãs da franquia, 3 críticos se apresentaram como fãs ou se incluíam no “nós” fãs. Em outras 11 críticas há traços que indicam um conhecimento avançado sobre a saga por características de fala, de descrição dos personagens ou reverência a franquia. Em 3 não foi possível identificar nada que apontasse para uma ligação de fã.

Outras observações importantes encontradas nas críticas foram: ao comparar com outros filmes de Star Wars, Han Solo é destacado por apresentar um novo lado da galáxia, o filme mostra o cotidiano das pessoas comuns, que não estão diretamente envolvidas na guerra entre império e rebeldes, mostrando uma interessante nova camada desse universo.

Outro ponto é que o filme se distancia bastante do que já foi feito, tanto no ritmo quanto nas transições e não há nada épico na sua narrativa. A maioria dos críticos

classifica o filme como pouco memorável, com poucas características que vão ser lembradas pelos fãs, não adiciona muitos elementos ao cânone, já que os personagens novos apresentados já tem seu fim em tela. Por isso muito críticos afirmam que não é um filme necessário.

Para dar seguimento a pesquisa foi elaborado um questionário com algumas questões a partir da observação das interações nos grupos de fãs no facebook. A primeira pergunta dividia o grupo em dois, os que assistiram ao filme e os que não assistiram. Se a pessoa não assistiu ao filme era direcionada a questão que perguntava o porquê de não ter assistido ao filme. Se a pessoa assistiu ao filme era direcionada a mais perguntas, primeiro se mesmo antes de assistir a pessoa era a favor da produção do filme ou não, então vinha a pergunta se a pessoa gostou ou não do filme. Após essas perguntas o fã seguia para uma das perguntas chaves da pesquisa [O que você já viu do personagem no cinema e no universo expandido afetou sua percepção sobre o filme?]. Essa pergunta é importante por destacar a franquia como uma narrativa transmídia.

Então o questionário seguia com uma pergunta aberta sobre a percepção geral que o fã teve sobre o filme. Pra finalizar pergunta se o fã é a favor da produção de novos filmes da franquia e qual personagem ou história gostaria de ver representada.

Os fãs que assistiram ao filme, em geral tiveram uma boa recepção ao filme, uma das questões perguntava se o fã era a favor da produção do filme antes de assisti-lo, ou seja se ele concordava com a história que seria contada, com isso dividiu-se entre favoráveis e contrários a produção e então perguntava-se se tinha gostado ou não do filme, 134 fãs assistiram ao filme 90 eram a favor da produção e 44 contra, 106 gostaram do filme e 28 não gostaram.

Uma pergunta-chave para essa pesquisa foi a seguinte: O que você já viu do personagem influenciou na sua percepção sobre o filme?

Gráfico 2 – Influência da narrativa transmídia na narrativa do filme



Fonte: elaborado pelos autores

Uma questão complementar para ajudar a entender melhor esse grupo de fãs questionou se os mesmos são a favor de que novos filmes sejam feitos com personagens já apresentados no cinema na trilogia original de Star Wars, das 213 respostas, 142 são a favor, 27 contra e 44 são indiferentes.

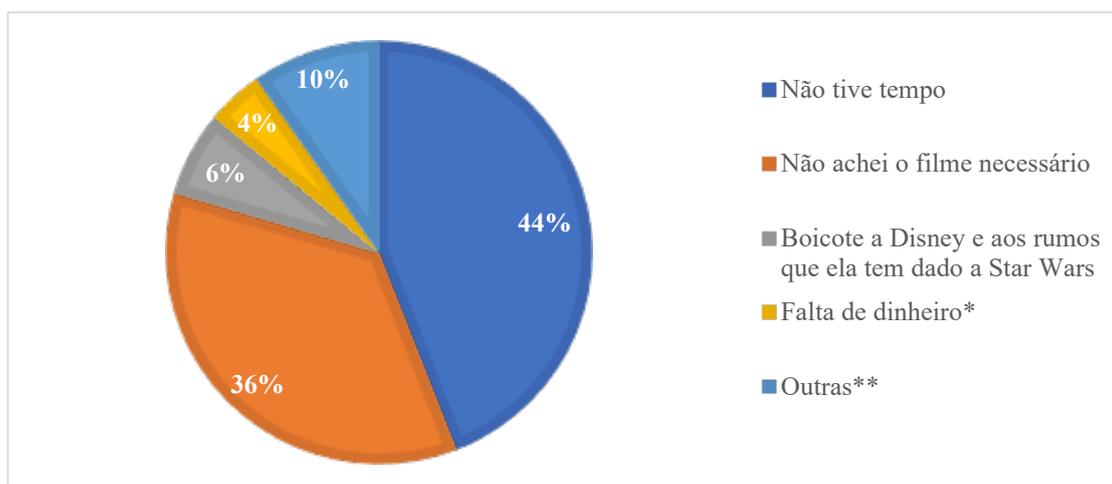
No mesmo questionário havia uma questão aberta para que o fã pudesse escrever o que tinha achado do filme de um modo geral, 110 pessoas das que assistiram ao filme usaram esse espaço para expressar sua opinião, desses comentários 67 foram positivos, 25 tinham um tom ponderado, com algumas ressalvas ao filme e 18 foram negativos.

Em pergunta aberta sobre quais personagens ou histórias os fãs gostariam de ver ganhando um filme o nome de Obi Wan Kenobi teve 80 indicações, Mestre Yoda 27, Velha República 26 e com 11 indicações apareceram Ahsoka Tano, Boba Fett e Darth Revan.

Nos comentários sobre o filme os fãs afirmam que o filme é divertido, citando isso várias vezes, mas alguns reforçam a ideia de ser um filme desnecessário, com roteiro fraco, sem grande impacto na narrativa da saga, além de não ser épico como os demais, levando a ser facilmente esquecido. Aparece nos comentários também o fato de se ter dificuldade em ver outro ator interpretando o Han Solo, já que o Harrison Ford é um dos preferidos do público.

Em relação aos resultados do questionário, os fãs que não assistiram ao filme foram pouco atingidos pelo questionário, dos 213 respondentes 79 não assistiram ao filme no cinema. Entre as motivações destacam-se a falta de tempo para assistir e o desinteresse pelo filme, em resposta aberta destacou-se a falta de dinheiro como fator que impediu o acesso ao filme.

Gráfico 1 – Por que você não assistiu ao filme?



Fonte: elaborado pelos autores

Comparando a relação entre a opinião da crítica especializada e dos fãs que responderam ao questionário pode-se afirmar alguns pontos. Muito se falou sobre a dificuldade em fazer um filme sobre Han Solo e também se era necessário, já que o personagem tem um bom desenvolvimento na trilogia original, percebe-se que haviam outros personagens que poderiam ganhar um filme. O ator Alden que interpreta o protagonista teve grande aceitação dos dois públicos. A crítica destacou o desempenho de Donald Glover como Lando Calrissian chegando a cogitar um filme solo estrelado pelo mesmo, outro ponto destacado pela crítica é a droide L-337 pelo seu ativista e que se encaixa bem nos dias de hoje. Já nas opiniões dos fãs esses personagens não aparecem de forma isolada, embora a grande maioria aprove o elenco.

O roteiro aparece em ambos os cenários com um pouco de dificuldade, embora seja declarado como bom, há muitos argumentos apontando que poderia ser melhor ou que se esperava mais. O filme opta por responder perguntas óbvias e faz um *fan service* que não se destaca muito e é criticado por alguns. Embora também transpareça que ao se manter seguro o filme respeita o cânone da franquia. Os problemas na produção do filme não aparecem nas opiniões dos fãs, somente nos textos da crítica.

Com mais da metade dos fãs afirmando que o que já tinham visto do personagem afetavam sua percepção sobre o filme chega-se a um importante ponto desta pesquisa, uma narrativa transmídia precisa saber lidar com todo o vasto conteúdo que já foi produzido e isso se torna um desafio para produtores e leva a comparações para os fãs.

Sobre a continuidade do universo Star Wars no cinema, os fãs apoiam a produção de novos filmes, 67% é uma porcentagem expressiva. Na opinião dos críticos essa continuidade é inevitável.

Há um detalhe importante a ser observado nessa pesquisa, o filme Han Solo teve uma arrecadação muito baixa nas bilheterias até agosto de 2018 o filme arrecadou 392 milhões de dólares em todo o mundo se colocando como uma das arrecadações mais baixas da franquia. Ficando bem longe da arrecadação de Rogue One, o outro filme do selo Uma História Star Wars, que arrecadou mais de 1 bilhão em todo o mundo.³

CONCLUSÃO

Essa mudança cultural da sociedade que é apresentada por Jenkins em Cultura da Convergência fica clara quando se olha os estudos seguintes baseados na obra do autor. Os produtores de conteúdo cada vez mais precisam prestar atenção na resposta do público sobre o que vem sendo produzido. Quando se tem uma narrativa transmídia tão vasta quanto Star Wars o desafio de se produzir algo que agrade aos fãs é ainda maior.

A compra da Lucas Films detentora dos direitos sobre Star Wars pela Disney provocou uma certa desconfiança pela parte dos fãs, por isso é importante tentar entender como esse público vem reagindo aos novos produtos lançados. Essa pesquisa constatou que entre os respondentes do questionário quem assistiu ao filme Han Solo aprovou o filme, embora seja forte a sensação de que não era um filme necessário e tem vários outros personagens que poderiam ganhar uma aventura solo, já que Solo teve um arco importante nos outros filmes.

O público que essa pesquisa não conseguiu alcançar e que necessita de um estudo mais específico é aquele público que não foi ao cinema para assistir Han Solo, quais foram as motivações, o público que respondeu ao questionário e não assistiu ao filme alegou falta de tempo para assistir, essa constatação é interessante pois o filme ficou pouco tempo em cartaz justamente pela baixa procura, filmes que já tinham mais de 2 meses em cartaz como Deadpool 2 e Vingadores Guerra Infinita continuaram ocupando salas enquanto Han Solo foi substituído. Há um motivo apontado pela imprensa

³ Dados de bilheteria do site <https://www.boxofficemojo.com/>

especializada que essa pesquisa não conseguiu confirmar, que a baixa arrecadação se deve a recepção controversa do filme Os últimos Jedi do cânone principal.

Nas perguntas abertas do questionário é possível identificar a influência da narrativa transmídia no desenvolvimento de novos filmes, já que os fãs fazem comparações com outras obras, citando com propriedade o que poderia ser melhorado no filme com base nos seus conhecimentos da franquia. Na pergunta específica [O que você já viu do personagem influenciou na sua percepção sobre o filme?] mais de 50% dos respondentes acreditam que isso influencia na sua visão sobre o filme.

Estudos de recepção com fãs no contexto de cultura da convergência e em comunidades virtuais ressaltam algumas características desse conceito, como é o caso da cultura participativa porque é visível que os fãs recebem o conteúdo e vão discutir sobre, fazendo suas próprias interpretações e buscando formas de alterar o andamento dessa franquia, esse debate reforça a ideia de inteligência coletiva porque ao expor sua opinião e receber respostas de outros fãs, esses grupos vão construindo novas percepções ou reforçando-as.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977

DIZARD JR., W. **A nova mídia na comunicação de massa na era da informação**. Tradução: Antônio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

JACKS, N; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e recepção**. Hacker, 2005.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Marsupial Editora, Nova Iguaçu, 2015.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Trad.: Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, P **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2014.

LEVY, P. **O que é o virtual?.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A Recepção Transmidiática da Ficção Televisiva: novas questões de pesquisa. In: FILHO, João Freire e BORGES, Gabriela (org). **Estudos de televisão. Diálogos Brasil- Portugal**. Porto Alegre Sulina, 2011.

PORTO-RENO, D. et al . **Narrativas transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional**. PalabraClave, Chia , v. 14, n. 2, p. 201-215, Dez. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-82852011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de jul. de 2017.

RECUERO, R. **Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica**. Ecos Revista, Pelotas, v.5, n.2, p. 109 - 126, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf> Acesso em: 07 de agosto de 2018

RECUERO, R. Problematizando fãs e *fan fictions* 20 anos depois. In: JENKINS, H. **Invasores do Texto: fãs e cultura participativa**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: Homesteading on the electronic frontier**. MIT press, 2000. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/8.html>>. Acesso em 18 de jun. 2018.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCOLARI, C. **Narrativas transmedia. Cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Deusto, 2013.

TAYLOR, C. **Como Star Wars conquistou o universo: O passado, presente e o futuro da franquia multibilionária**. Aleph, 2016.